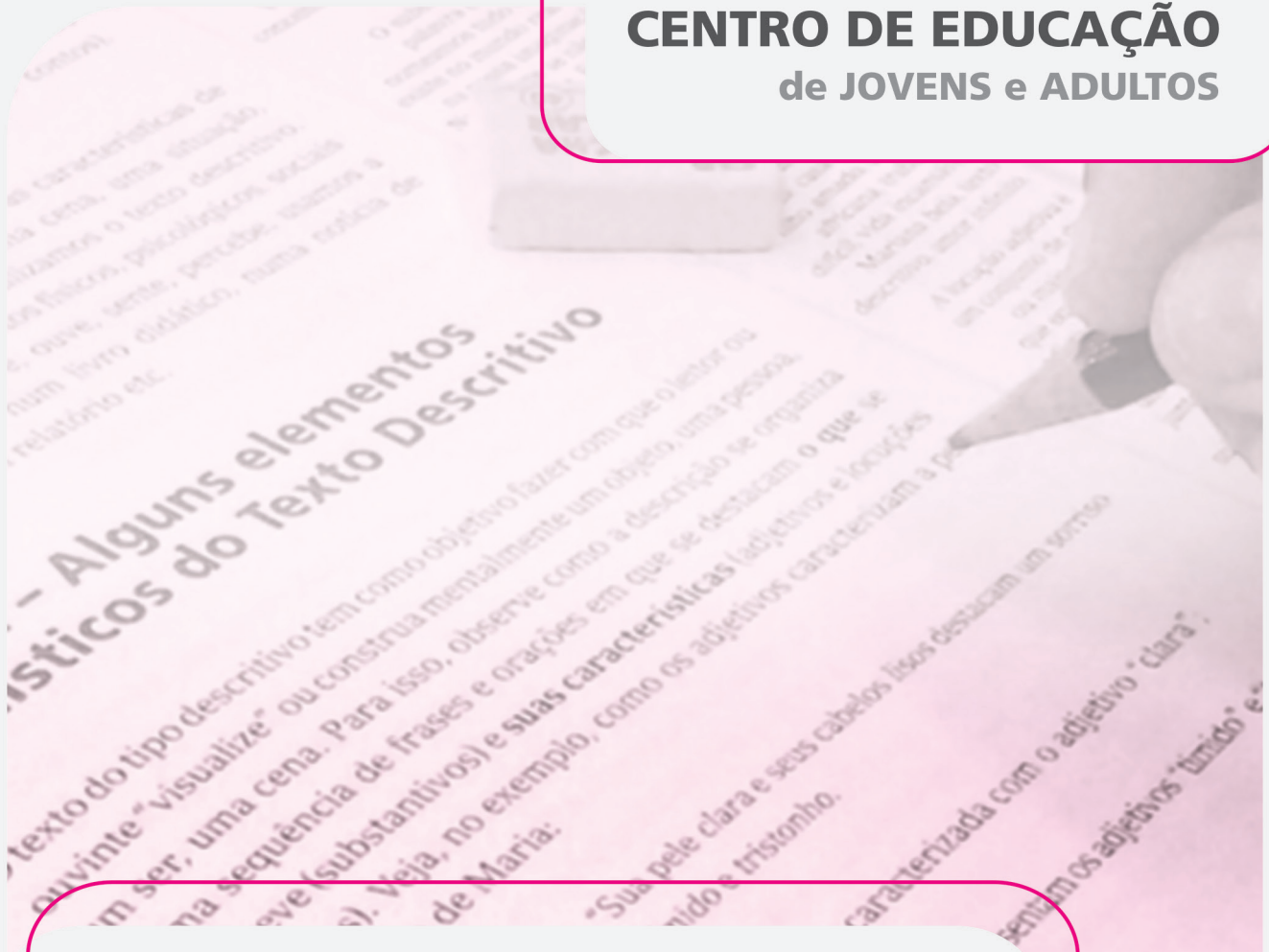


CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS



LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Edição revisada 2016

Fascículo 4
Unidades 8, 9 e 10

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador

Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

FUNDAÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de
Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração

Alvana Boff

Ana Lucia Buogo

Edna Maria Santana Magalhães

Julia Fernandes Magalhães

Maria Antonieta Antunes Cunha

Atividade Extra

Janaina de Oliveira Augusto

Julia Fernandes Lopes

Maria da Aparecida Meireles de Pinilla

Roberta Campos de Carvalho Pace

Revisão de Língua Portuguesa

Julia Fernandes Lopes

Coordenação de Design Instrucional

Flávia Busnardo

Paulo Miranda

Design Instrucional

Flávia Busnardo

Lívia Tafuri Giusti

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Capa

André Guimarães de Souza

Projeto Gráfico

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

[http://www.sxc.hu/browse.](http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=view&id=992762)

phtml?f=view&id=992762 – Majoros Attila

Diagramação

Equipe Cederj

Ilustração

Bianca Giacomelli

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Jefferson Caçador

Sami Souza

Produção Gráfica

Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 8 | Literatura: a arte da palavra 5

Unidade 9 | Os gêneros literários 33

**Unidade 10 | A Literatura e o tempo:
o homem canta sua vida e sua história! 67**

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

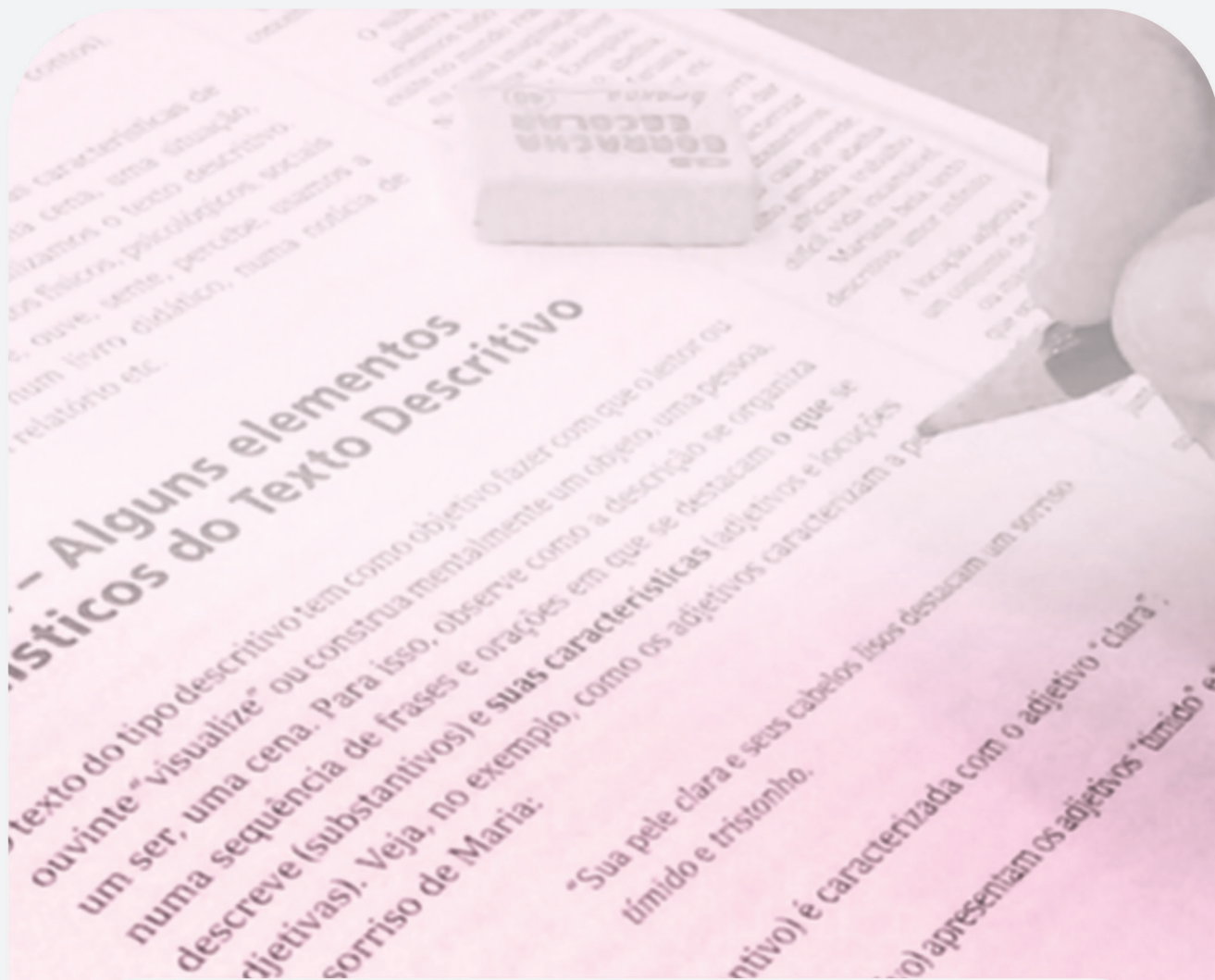
Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



Os gêneros literários

Fascículo 4
Unidade 9

Os gêneros literários

Para início de conversa...

Você, em alguns momentos de sua vida, já se sentiu tão emocionado que escolheu expressar seus sentimentos escrevendo alguns versos? E, quando criança, passou pela experiência de encenar uma peça de teatro, na escola, ou com um grupo de amigos?



E você já inventou, recontou ou leu um caso divertido ou impressionante para seus amigos?

Provavelmente, você, como todo mundo, deve ter passado por alguma dessas situações e deve ter boas recordações.

Pois, em todos esses momentos: fazendo poema, montando e encenando uma peça de teatro, ou criando ou lendo uma narrativa, você estava interagindo com os chamados *gêneros literários*, que vamos estudar a partir de agora.

Vamos conhecer os três gêneros literários básicos em que a literatura tem sido organizada: gênero lírico (poesia); gênero dramático (teatro) e gênero épico/narrativo (histórias narradas, como romances, contos etc.).

Vamos perceber como esses gêneros são influenciados pela época e realidade em que foram produzidos e expressam características ou questionam temas dessas épocas e realidades. Da mesma forma que, no transcorrer dos tempos, o ser humano modifica sua forma de ver, sentir e pensar sobre o mundo, também na literatura essas mudanças acontecem.

Assim, a literatura também expressa identidades que se formam e marcam as culturas.

Objetivos de aprendizagem

- Identificar os diferentes gêneros literários.
- Reconhecer como textos literários são influenciados pela época e realidade em que são produzidos
- Analisar textos dos gêneros lírico e dramático.

Seção 1

O que são gêneros literários

Para iniciarmos esta unidade sobre gêneros literários, escolhemos dois textos: o primeiro é o início do conto “A Cartomante”, de Machado de Assis; o segundo é um poema do mesmo autor.

Propomos uma atividade inicial para que você possa perceber a diferença entre os dois textos. Vamos lá?

Texto 1

A Cartomante (fragmento)

Machado de Assis



Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

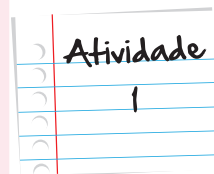
— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...”

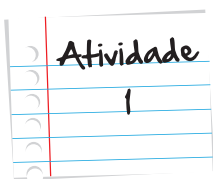
(...)



Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/>

“A Cartomante” é um conto de Machado de Assis que traz a história de Camilo, Rita e Vilela envolvidos em um triângulo amoroso. A cartomante pode ser considerada outra personagem, devido a sua grande influência no conto. A história começa numa sexta-feira de novembro de 1869 com um diálogo entre Camilo e Rita. Rita fala de uma cartomante que visitou e acredita poder ver e resolver todos os seus problemas e angústias. Camilo, que no começo zomba de Rita, depois vai recorrer a esta mesma cartomante para saber sobre o seu caso com Rita e por que Vilela (seu amigo e marido de Rita) o havia chamado à sua casa... Continue a ler o conto em www.dominiopublico.gov.br. O desfecho da história é inesperado!





Texto 2

Livros e flores

Machado de Assis



Teus olhos são meus livros.

Que livro há aí melhor,

Em que melhor se leia

A página do amor?

Flores me são teus lábios.

Onde há mais bela flor,

Em que melhor se beba

O bálsamo do amor?



Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/>

Comparando o texto 1 com o texto 2:

1. Em que texto, houve maior preocupação com a forma e com o ritmo da linguagem usada pelo autor? Por quê?
2. Identifique o texto em que o autor preocupa-se em descrever o ambiente, em contar uma história em uma sequência temporal.
3. Qual dos dois textos apresenta maior carga de sentimentalismo e de subjetividade? Justifique sua resposta com elementos do texto em foco.
4. Nos dois textos, o autor teve o mesmo objetivo comunicativo? Mostre a diferença que você conseguiu perceber.



Machado de Assis (1839 - 1908) foi um escritor brasileiro, amplamente considerado como o maior nome da literatura nacional. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista e crítico literário. Testemunhou a mudança política no país quando a República substituiu o Império e foi um grande comentador, e relator dos eventos político-sociais de sua época. Detalhe: Machado de Assis era mulato, filho de um operário e neto de escravos que receberam a alforria. Pobre, foi

criado no morro do Livramento e não tinha condições de frequentar cursos regulares na escola. Como, então, ele se tornou esse grande nome na literatura nacional? Descubra, lendo a biografia completa do autor no site: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u180.jhtm>.

Atividade

1

Saiba Mais

Anote suas respostas em seu caderno

A partir desta atividade, é possível observar que, entre os dois textos, há diferenças:

- a. Em relação à estrutura de cada um, que está diretamente ligada à intenção do autor ao escrever.
 - o texto 1 propõe-se a contar um fato. Por isso, apresenta os personagens – dois amantes. Em determinada situação a personagem Rita conta que foi consultar uma cartomante, descrevendo o ambiente em que estão inseridos;
 - o texto 2 já se preocupa em expressar os sentimentos e percepções do mundo subjetivo do autor em relação a como ele vê a mulher amada.
- b. Em relação à forma como o texto foi escrito:
 - o primeiro é escrito em prosa (em linhas contínuas) e organizado em *parágrafos*, sem se preocupar em combinar as palavras para criar tom melódico ou rimas;
 - o segundo, é escrito em versos e organizado em estrofes. Percebe-se uma preocupação em criar os *versos que criam um certo ritmo e o tom sentimental*.

Leia-os, novamente, em voz alta e perceba essas diferenças entre o texto em prosa (texto 1) e o que está em versos (texto 2).



A diferença entre um texto escrito em prosa e outro em verso está no fato de que o primeiro não apresenta preocupação do autor em atribuir um ritmo, enquanto no segundo essa preocupação é nítida.



O *texto em prosa* é aquele escrito em linhas contínuas, organizado através de períodos que compõem os parágrafos.

No *texto em versos*, o autor *não* se preocupa com a sequência linear das frases e dos períodos. A forma como escreve os versos está ligada ao ritmo que o autor quer colocar no seu texto. Assim, os versos são linhas descontínuas que podem estar organizadas em blocos a que chamamos *estrofes*.

Resumindo: há diferenças entre os dois textos quanto à forma de produzir o texto (o ato de escrever) e à estrutura, com relação aos elementos utilizados e a intenção do autor ao escrever o texto. Dessa forma, podemos afirmar que o texto 1 recebe uma classificação quanto ao gênero literário diferente do texto 2. O texto 1 é do gênero narrativo e o texto 2 é do gênero lírico.

A seguir, vamos conhecer mais sobre esses gêneros literários e também sobre o gênero dramático (teatro).

Seção 2

A Literatura e seus gêneros

Tradicionalmente, as produções literárias têm sido classificadas em três gêneros literários principais, de acordo com as formas de linguagem, estrutura e função para a qual o texto foi escrito:

- a. Gênero épico/narrativo (histórias narradas).
- b. Gênero lírico (poesia).
- c. Gênero dramático (teatro).

Gênero épico/narrativo

Você já sabe que o conto “A Cartomante” é um texto do gênero narrativo porque conta uma história que se desenvolve num tempo e lugar, envolve um narrador e personagens. Observou também que ele é escrito em prosa e não versos, como a maior parte dos textos de gênero narrativo da atualidade.

Mas será que sempre foi assim?

O que vamos descobrir, agora, é que, na Antiguidade, os textos narrativos eram escritos em versos também!

Na Antiguidade, era comum os escritores narrarem *feitos heroicos e grandiosos*, representando grandes fatos históricos de um povo ou de uma nação. Eram as *epopeias*, narrativas literárias de grande extensão, que tratavam de grandes viagens, guerras, aventuras, atos heroicos, sempre enaltecendo e valorizando os heróis e seus feitos.

Nessa época, essas narrativas grandiosas quase sempre eram *narradas em verso* e usavam elementos da Mitologia Grega nos episódios, misturando o real e o fantasioso. Daí ser chamado de *gênero épico*.

Um bom exemplo das grandes epopeias na literatura é a obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Nela, o autor português exalta a glória do povo navegador português, desenvolvendo a ação em torno da viagem do “herói” navegador Vasco da Gama às Índias, buscando expandir a fé e conquistar novas terras para Portugal.

Leia as duas estrofes do Canto V de *Os Lusíadas*, narrando a passagem da esquadra de Vasco da Gama pela costa africana.



Figura 1: Pintura de Vasco da Gama, protagonista por excelência de *Os Lusíadas*, na chegada à Índia.

Canto V – estrofes 4 e 5



Assim fomos abrindo aqueles mares,
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu;
De Mauritânia os montes e lugares,
Terra que Anteu num tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda; que à direita
Não há certeza doutra, mas suspeita.

Passamos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assim se chama,
Das que nós povoamos, a primeira,
Mais célebre por nome que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe aventajam quantas Vénus ama,

Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.



Fonte: <http://www.oslusiadas.com/content/view/22/45/>



Saiba Mais

O contexto econômico-social da época de *Os Lusíadas* é marcado pelo desejo de expansão do Império Português e busca de riquezas, que se fazia por meio das grandes navegações.

A partir do século XIX, a narração de histórias passou a ocorrer *em prosa*, e não mais em versos, motivo pelo qual os estudiosos passaram a denominar de gênero narrativo. O conto “A Cartomante”, de Machado de Assis, é um exemplo do *gênero narrativo*, assim como os romances, as novelas, as crônicas que existem até hoje.

Todos eles contam uma história, têm um enredo, personagens, um narrador que adota um determinado ponto de vista, e procura mostrar o desenvolvimento das ações no tempo e no espaço.

O gênero narrativo é aquele que conta uma história, curta ou longa, acerca de uma ou mais personagens, numa sucessão de acontecimentos que transcorrem no tempo, apresentados por um narrador.

Importante

Veja como os gêneros literários sofrem as mesmas influências do tempo como qualquer outro fenômeno ou traço da arte e da cultura. A epopeia, por exemplo – narrativa em versos sobre os feitos e heróis de um povo de que falamos antes – foi importantíssima na cultura grega e até o Renascimento. Hoje está abandonada. Por outro lado, desenvolveu-se a partir do século XIX, com o Romantismo, um tipo de narrativa em prosa, chamado romance, que continua até hoje.

Gênero dramático

Você já teve oportunidade de ver ou de participar da encenação de uma peça de teatro? Como era o texto da peça? Relate a sua experiência.

Anote suas respostas em seu caderno

Atividade

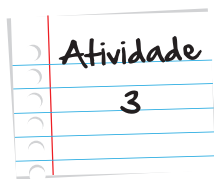
2

O *gênero dramático* é aquele que se realiza no *teatro*. Quer dizer: o texto dramático é para ser encenado, representado numa peça teatral.

A palavra “dramático” provém do verbo grego *drao*, que quer dizer “agir”. A principal característica deste gênero literário é a ação, que se desenrola na frente dos espectadores, num espetáculo de teatro (dramatização).

Saiba Mais

Vamos, agora, comparar o tipo de texto do gênero dramático com os outros textos vistos na Atividade 1.



Leia o seguinte fragmento de um texto de teatro. Num primeiro momento, apenas observe a organização do texto na página. Note os vários tipos de letra usados do texto. Depois, cite 3 diferenças entre este texto e os textos 1 (narrativo: A Cartomante) e o texto 2 (poema: Livros e Flores) apresentados na Atividade 1, no início desta unidade.

O Pagador de Promessas

Padre Olavo surge na porta da igreja.

SACRISTÃO (*Como se tivesse sido surpreendido em falta.*) Padre Olavo!...

ZÉ – Preciso falar com ele.

Sacristão dirige-se apressadamente à igreja. Para na porta, ante o olhar intimidador do Padre. É um padre moço ainda. Deve contar, no máximo, quarenta anos. Sua convicção religiosa aproxima-se do fanatismo. Talvez, no fundo, isto seja uma prova de sua falta de convicção e uma autodefesa. Sua intolerância - que o leva, por vezes, a chocar-se contra princípios de sua própria religião e a confundir com inimigos aqueles que estão do seu lado - não passa, talvez, de uma couraça com que se mune contra a fraqueza consciente.

PADRE (*Para o Sacristão*) – Que está fazendo aí?

SACRISTÃO (*À guisa de defesa.*) – Estava conversando com aqueles homens.

PADRE – E eu lá dentro à sua espera, para ajudar à missa. (*Repara em Bonitão e Zé-do-Burro.*) Quem são?

SACRISTÃO – Não sei. Um deles quer falar com o senhor.

ZÉ (*Adianta-se.*) – Sou eu, Padre. (*Inclina-se, respeitoso, e beija-lhe a mão.*)

PADRE – Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

ZÉ – É que vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas.

PADRE – Sete léguas? Para falar comigo?

ZÉ – Não, pra trazer esta cruz.

PADRE (*Olha a cruz detidamente.*) – E como a trouxe, num caminhão?

ZÉ – Não, padre, nas costas.

SACRISTÃO (*Expandindo infantilmente a sua admiração.*) – Menino!

PADRE (*Lança-lhe um olhar enérgico.*) – Psiu! Cale a boca! (*Seu interesse por Zé-do-Burro cresce.*) Sete léguas com esta cruz nas costas. Deixe ver seu ombro.

Zé-do-Burro despe um lado do paletó, abre a camisa e mostra o ombro. Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão.

SACRISTÃO – Está em carne viva!

PADRE (*Parece satisfeito com o exame.*) – Promessa?

ZÉ (*Balança afirmativamente a cabeça.*) – Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO – Deve ter recebido dela uma graça muito grande!

Padre faz gesto nervoso para que Sacristão se cale.

ZÉ – Graças à Santa Bárbara a morte não levou o meu melhor amigo.

PADRE (*Parece meditar profundamente sobre a questão.*) – Mesmo assim, não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretensiosa também?

ZÉ – Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem de pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE – Foi por causa desse... Nicolau, que você fez a promessa?

ZÉ – Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO – Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dele?!

ZÉ – Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Ele chegou a casa, escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE – Uma hemorragia.

ZÉ – Só estancou quando eu fui ao curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE (*Enojado*) – Mas, meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ – Foi o que o doutor disse, quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE – Sem dúvida.

ZÉ – Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quede que o doutor fazia o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acabava mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão ele morre!

PADRE – E... o sangue estancou?

ZÉ – Na hora. Pois é um santo remédio. Seu Vigário não sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE – Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

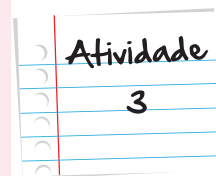
ZÉ – Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar do Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de seu Zequinha pra saber das novidades – tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia à missa, ele ficava esperando na porta da igreja...

PADRE – Na porta? Por que ele não entrava? Não é católico?

ZÉ – Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que ele não entra na igreja. É porque o vigário não deixa. (*Com grande tristeza.*) Nicolau teve o azar de nascer burro, de quatro patas.

PADRE – Burro?! Então esse que você chama de Nicolau é um burro?! Um animal?!

Fonte: Fragmento de: GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. 34ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997. p. 62-67.



Anote suas
respostas em
seu caderno



Saiba Mais

Conheça um pouco mais sobre a peça de onde extraímos o trecho anterior.

O Pagador de Promessas, de Dias Gomes, é uma das peças brasileiras mais premiadas e que, levada para o cinema, recebeu prêmios em festivais internacionais importantes. Tem como personagem principal um homem simples do sertão baiano, que faz a promessa de carregar uma enorme cruz de madeira até uma igreja de Santa Bárbara. Sua mulher acompanha-o, sem a convicção dele. Depois de andar sete léguas, chega à igreja, que está fechada. Ingênuo, ele não percebe a malícia e a má fé de pessoas à volta da igreja, para a festa da Santa. O trecho apresenta a cena em que a igreja é aberta e ele conversa com o Sacristão e com o Padre.



Multimídia

Você gostou do texto? Então, assista ao filme *O Pagador de Promessas*! Veja o site <http://www.factoryfilmes.net/filme-o-pagador-de-promessas-nacional-download>. Aliás, neste site você encontra vários filmes nacionais, com download grátis! Ainda, você poderá assistir a algumas encenações do texto em: <http://www.youtube.com/watch?v=CgVKYRyAnIU>

Após a leitura do texto, você deve ter percebido que:

1. os nomes das personagens que vão falar aparecem em destaque, em geral em caixa alta (PADRE).
2. o texto dramático não apresenta um narrador, como acontece no texto narrativo e, por isso seu autor usa as chamadas *rubricas*, isto é, orientações que são colocadas entre parênteses, geralmente em letra diferente (itálico), para indicar a forma como aquela situação/fala deve ser desenvolvida. Veja, por exemplo, no início do texto:

PADRE (*Para o Sacristão*) – Que está fazendo aí?

SACRISTÃO (*À guisa de defesa.*) – Estava conversando com aqueles homens.

PADRE – E eu lá dentro à sua espera para ajudar à missa. (*Repara em Bonitão e Zé-do-Burro.*) Quem são?

(...)

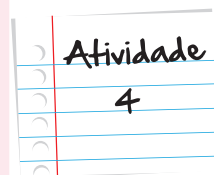
As rubricas podem apresentar informações sobre o cenário, sobre as personagens, sua entrada e saída de cena, suas reações e manifestações. Perceba que elas praticamente substituem as descrições e trechos que, numa narração, seriam do narrador.

Essa apresentação gráfica diferente, com uso de diferentes tipos de letra costuma afastar as pessoas da leitura de peças teatrais. No entanto, se você entender as rubricas como uma substituição do narrador, logo se acostumará com essas características e se sentirá à vontade lendo textos do gênero dramático (teatro).

3. Outra característica do texto de teatro é que ele é dividido em cenas e atos. *Cena* é um momento da peça em que estão no palco os mesmos personagens. *Ato* é um conjunto de cenas que formam uma unidade, dentro da história/conflito.

Leia novamente o texto de teatro apresentado e responda às perguntas que se seguem.

- O padre surpreendeu-se com a promessa feita pelo Zé-do-Burro? Por quê?
- Quais as características principais do protagonista (personagem principal) Zé-do-Burro? Como você o descreveria?
- Por que o Padre quis ver o ombro de Zé-do-Burro?
- Na sua opinião, o Zé-do-Burro conseguirá entrar na igreja com a cruz? Por quê?
- Qual é a problemática social discutida no texto?



Anote suas respostas em seu caderno

Dias Gomes nasceu em Salvador, em 1922, e morreu em São Paulo, em 1999. Escritor, teatrólogo e novelista, pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Escreveu algumas das telenovelas de maior sucesso no Brasil, como *O bem-amado*, *Roque Santeiro*, *Saramandaia*. Sua produção tem um forte conteúdo político e social. Para o teatro, escreveu *A revolução das beatas*, *O santo inquérito*, *O berço do herói*.

Saiba Mais

De acordo com o assunto e a maneira de tratá-lo, o gênero dramático pode se apresentar em diferentes espécies, que variam bastante: *a tragédia*, *a comédia*, *o auto*, *o drama* e *a tragicomédia*.

Importante

Na Antiguidade, os gregos cultivavam duas espécies de peças teatrais: a tragédia e a comédia. A tragédia alimentava-se de situações trágicas, vindas da fatalidade, que tornava o protagonista ao mesmo tempo culpado e vítima. Era dirigida aos nobres, numa linguagem requintada e em verso.

A *comédia* era oferecida à população **plebeia** e retratava pessoas do povo. Sua linguagem era muito mais próxima da coloquial/vulgar.

Plebeia

da classe menos favorecida, do povo

Principalmente a partir da Idade Média, criaram-se peças de conteúdo religioso, sobre a vida do Cristo e de santos. São os *autos* e mistérios.

É interessante notar que cada espécie de texto do gênero dramático tinha seu estilo e seu público. Foi somente a partir de século XIX, com a proposta de mesclar gêneros e espécies, que se criou uma nova modalidade que parecia representar com mais fidelidade a vida, uma mistura de alegrias e infelicidade: o *drama*. Nessa época, tragédia e comédia também se fundem na chamada *tragicomédia*.

Mas essas classificações nem sempre são rigorosamente seguidas pelos artistas, pois eles são livres para mudar, subverter a ordem, inventar novos modos de fazer a sua arte. O famoso autor brasileiro Ariano Suassuna, por exemplo, escreveu o *Auto da Compadecida* de forma muito diferente dos textos que havia antes.

Aliás, veja que beleza de texto de teatro!

Saiba Mais

Leia o trecho de *O Auto da Compadecida*, no momento em que há o Juízo Final: para o céu ou para o inferno?

BISPO – Ai! Leve o Padre!

PADRE – Ai! Leve o sacristão!

SACRISTÃO – Ai! Leve o Severino!

SEVERINO – Ai! Leve o cabra!

JOÃO GRILO – Parem, parem! Acabem com essa molecagem!

Seu grito é tão grande que todos param e o silêncio faz-se.

JOÃO GRILO – Acabem com essa molecagem. Diabo dum barulho danado! É assim, é? É assim, é?

ENCOURADO – Assim como?

JOÃO GRILO – É assim de vez? É só dizer “pra dentro” e vai tudo? Que diabo de tribunal é esse que não tem apelação?

ENCOURADO – É assim mesmo e não tem para onde fugir!

JOÃO GRILLO – Sai daí, pai da mentira! Sempre ouvi dizer que para se condenar uma pessoa ela tem de ser ouvida!

BISPO – Eu também. Boa, João Grilo!

PADRE – Boa, João Grilo!

MULHER – Boa, João Grilo!

PADEIRO – Você achou boa?

Fonte: Fragmento. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/ariano-suassuna/auto-da-compadecida-3.php>

Seção 3

O gênero lírico

A origem do nome lírico vem do instrumento musical de cordas – a lira – que, na Antiguidade e na Idade Média, acompanhava os poemas, que eram elaborados para serem cantados. Isso mesmo! Os poemas eram cantados! Por isso, eram, naquela época, chamados de *cantigas*.

A poesia lírica falava de sentimentos íntimos e emoções, e inquietações individuais, estando geralmente ligada a questões amorosas e bem subjetivas. As cantigas recebiam classificações, conforme o conteúdo que apresentavam: cantigas de **amigo**, cantigas de amor, cantigas de escárnio. Em todas elas, os autores eram homens embora, em algumas delas, o eu lírico (a voz que fala pelos versos) representasse uma mulher.

Amigo

naquela época, significava namorado/amado



Figura 2: Mulher tocando lira. Fotografia que reproduz a Antiguidade Clássica.

Veja no exemplo a seguir, uma cantiga de amigo (namorado) de um dos mais famosos trovadores da Idade Média, o D. Diniz.

Repare que a voz que fala pelos versos (o “eu lírico”) não é do autor e sim de uma mulher que canta a ausência do seu namorado e a aflição de sentir-se abandonada. Ela representa os sentimentos de muitas donzelas que se viam abandonadas pelos homens que iam para a guerra naquela época.

Ai flores, ai flores do verde pinho
se sabedes novas do meu amigo,
ai deus, e u é?
Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado,
ai deus, e u é?
Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo,
ai deus, e u é?
Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que me há jurado
ai deus, e u é? [...]



Saiba Mais

O primeiro movimento literário em Língua Portuguesa é chamado de Trovadorismo, que surgiu durante a Idade Média e começou a despontar em Portugal, por volta do século XII. São chamados de trovadores aqueles que compunham as poesias e as melodias que as acompanhavam. Essas poesias cantadas eram chamadas *cantigas*.

Veja uma interpretação da cantiga de amigo no site: <http://www.youtube.com/watch?v=xYcoFmyOfo0&feature=related>

Nessa cantiga, o poeta é um homem, mas “encarna” os sentimentos de uma mulher – uma moça solteira que sente saudades do namorado. Assim, o autor é masculino, mas o eu-lírico – a voz que fala no poema – é uma mulher. Em geral, essas cantigas têm como cenário um ambiente natural e o diálogo tem, como personagens, uma donzela com sua mãe ou suas amigas.



Importante

O gênero lírico tem como característica essencial a *exposição de emoções, da subjetividade, por meio de um “eu” que fala no poema, que conta suas emoções e sentimentos*. Esse “eu” que fala no texto do gênero lírico é chamado de “eu-lírico” e não é obrigatoriamente a figura do poeta.

Em geral, nos textos líricos, o tempo predominante é o presente – afinal, o sentimento de que trata o texto está sendo “sentido” no momento em que se fala. Por isso, dizemos que a lírica é sempre atual e atemporal.

Você deve ter associado o gênero lírico à poesia, não é? E tem toda razão: ele se apresenta quase sempre como um poema, *em versos*.

A palavra poesia é quase sempre empregada para exprimir o que tem beleza, harmonia e sensibilidade. Costumamos chamar os poemas de poesia, mas poesia também existe na letra de uma música, em uma pintura, em um conto, nas cantigas de roda, nas canções populares.



E os versos são feitos de palavras selecionadas e arranjadas pelo autor com a finalidade de permitir sensações, sugerir imagens e provocar um ritmo, uma certa melodia... e poesia!

Vamos ler e experimentar a seguir, um poema lírico de Luís Vaz de Camões...

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer

É um não querer mais que bem querer;
É um solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_%C3%A9_fogo_que_arde_sem_se_ver

1. Quanto à composição das estrofes

Este poema é composto por 4 estrofes (conjuntos de versos): duas estrofes de 4 versos e duas de 3 versos. Essa é a estrutura de um SONETO. Todos os sonetos são organizados dessa mesma forma.

2. Quanto à sonoridade

O poema apresenta valorização da sonoridade, evidente no ritmo e em várias combinações sonoras.

O *ritmo*, conforme já vimos anteriormente, é uma sucessão de sons ou movimentos que se repetem regularmente.

A *sonoridade* envolve as várias combinações sonoras. A primeira dessas combinações é a que ocorre nas *rimas*, nos finais dos versos. Trata-se de uma coincidência de sons, no final de cada verso, a partir da última sílaba tônica.

Veja as rimas na primeira estrofe do soneto de Camões:

Amor é fogo que arde sem se vER; (A)

É ferida que dói e não se sENTE; (B)

É um contentamento descontENTE; (B)

É dor que desatina sem doER (A)

Você observou que as partes marcadas nas palavras se repetem? Perceba a rima de vER com doER, e de sENTE, com descontENTE. Para marcar como as rimas acontecem, usamos as letras maiúsculas do alfabeto. Assim, a cada nova rima, atribuímos uma letra do alfabeto.

Podemos dizer que o esquema de rimas na primeira e segunda estrofes do soneto de Camões é ABBA.

Observe ainda que o autor vale-se do uso de determinadas letras que se repetem com muita frequência em quase todas as palavras em alguns versos:

a. a repetição de consoantes, no início das palavras, como no verso: “dor que desatina sem doer”. A essa repetição de uma mesma consoante chamamos aliteração;

b. a repetição de vogais no verso. Essa repetição é chamada *assonância*.

O gênero lírico também se transforma com o homem no transcorrer do tempo, da mesma forma que os homens mudam seus pensamentos, suas formas de expressão, formas de se comportar etc.

Camões, por exemplo, viveu num tempo em que se enfatizava o amor platônico – aquele que fica só no campo das ideias. No entanto, ele demonstrava em vários de seus sonetos, uma constante luta interior entre o amor idealizado, espiritualizado e capaz de levar o ser humano à purificação ou realização plena, e o amor material, terreno, carnal, fonte de sofrimento constante.

Em outras épocas, diferentes autores fizeram poemas com o tema do amor. Veja alguns exemplos mais atuais:

1.
"Eu não vou negar
Que sou louco por você,
"Tô" maluco pra te ver;
Eu não vou negar.
(...)
Eu não vou negar
Que sou louco por você,
"Tô" maluco pra te ver;
Eu não vou negar.
(...)
Que a vida é feita pra viver.
É o Amor,
Que veio como um tiro certo
No meu coração;
Que derrubou a base forte
Da minha paixão
E fez eu entender que a vida
É nada sem você."

Fonte: Fragmento É o Amor. Zezé de Camargo e Luciano, in: <http://letras.terra.com.br/zeze-di-camargo-e-luciano/65177/>

2.
[...] Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Fonte: Extrato de Carlos Drummond de Andrade

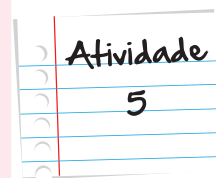
3.
E assim, quando mais tarde me procure [...]
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

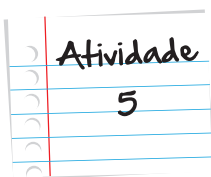
Fonte: Extrato Soneto de Fidelidade - Vinícius de Moraes

Agora que você já compreendeu que os textos literários podem se organizar, a partir de diferentes gêneros, segundo o propósito pelo qual o texto é criado e conforme a maneira como o autor compõe e estrutura esse texto, propomos a você outra atividade.

A seguir, apresentamos dois textos.

1. A que gênero literário pertence cada um deles?
2. Identifique as características de cada texto que comprovam sua resposta anterior, considerando a forma como o texto foi escrito, sua estrutura e linguagem.





Texto 1

CENA V

Entrou Emília, vestida de preto, como querendo atravessar a sala.

FLORÊNCIA – Emília, vem cá.

EMÍLIA – Senhora?

FLORÊNCIA – Chega aqui. Ó menina, não deixarás este ar triste e lagrimoso em que andas?

EMÍLIA – Minha mãe, eu não estou triste. *(Limpa os olhos com o lenço.)*

FLORÊNCIA – Aí tem! Não digo? A chorar. De que chora?

EMÍLIA – De nada, não senhora.

FLORÊNCIA – Ora, isto é insuportável! Mata-se e amofina-se uma mãe extremosa para fazer a felicidade da sua filha, e como agradece esta? Arrepelando-se e chorando. Ora, sejam lá mãe e tenham filhos desobedientes...

EMÍLIA – Não sou desobediente. Far-lhe-ei à vontade; mas não posso deixar de chorar e sentir. *(Aqui aparece à porta por onde saiu, Ambrósio, em mangas de camisa, para observar)*

(...)

Fonte: *O Noviço*. Martins Pena – 19ª edição – Coleção Prestígio – Ediouro S.A. – 1998, in <http://www.biblio.com.br>

Texto 2

Prendeu o corpo

ao silêncio. Saltou.

A aranha erra,

às vezes,

o alvo que sonhou.

Todo se desfia.

Mais que planta de prédio, era fria.

Com mais patas que alma.

(...)

Fonte: ARANHA DE ÁGUA - fragmento. GUIMARAES, Edmar. Caderno. Poesia. Goiânia: Kelps, 2005. p. 37. disponível em http://www.nucleodeselecao.ueg.br/PDFs/ps/14/provas/Gerais_PS_2006-1_INGLES.pdf

Anote suas
respostas em
seu caderno



A aranha d'água é minúscula e é a única da espécie que vive submersa em lagos e águas paradas. Ela cria um casulo a sua volta que se torna uma espécie de submarino. Ah! Esse tipo de aranha é venenoso, mas acredite: estudos mostram que as fêmeas só se interessam por machos gentis!

Saiba Mais

A partir do que estudamos até aqui, vimos que o artista da literatura, o escritor, cujo instrumento de criação é a linguagem escrita, usa as palavras de forma a criar novos significados, muitas vezes completamente diferentes, inusitadas, para nós.

O escritor, por meio dos textos literários, revela um mundo que mescla o real e o imaginário, o concreto e o abstrato, e apresenta ora uma visão mais objetiva ora mais visão subjetiva da realidade, o que reflete seu interior, suas sensações, emoções e sentimentos.

É através dos diferentes textos literários produzidos que o leitor sente, reconhece-se, dramatiza, imagina, (re)cria e (re)vive as questões existenciais interiores, sociais, políticas e existenciais. Vivencia, assim, sua cultura, estabelecendo laços mais fortes de identidade com o meio em que vive.

Veja ainda

1. Para vivenciar o gênero dramático, assista aos filmes, que estão disponibilizados em DVD, em qualquer locadora:
 - a. O AUTO DA COMPADECIDA, de Ariano Suassuna, adaptada para a TV e para o cinema, dirigida por Guel Arraes.
 - b. SHAKESPEARE APAIXONADO, dirigido por John Madden.

Referências

Imagens



• Acervo pessoal • Sami Souza



• <http://www.sxc.hu/photo/1094969> • cierpki



• Acervo pessoal • Sami Souza



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Machado-450.jpg>



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vascodagama.JPG>



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lyre1913.jpg>



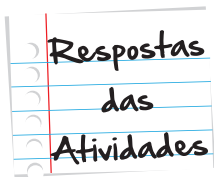
• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Argyroneta_aquatica_Paar.jpg#file



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>



• http://www.sxc.hu/985516_96035528.



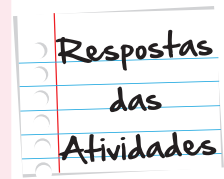
Atividade 1

1. No texto 2, pois ele está escrito em versos e em estrofes, apresentando um certo ritmo e rimas com algumas palavras como “flor”/”amor”.
2. O texto 1. Veja que o narrador “avisa” ao leitor sobre a situação que irá acontecer.
3. O texto 2. Ele tem uma linguagem subjetiva, expressando com sentimentalismo e emoção como ele vê a mulher amada. O autor compara os olhos da mulher amada a livros e os lábios a flores, onde se bebe “o bálsamo do amor”. A linguagem é conotativa. “Flores me são teus lábios/Onde há mais bela flor/Em que melhor se beba/O bálsamo do amor”
4. No texto 1, o autor teve a intenção de contar uma história. No texto 2, o propósito foi expressar os sentimentos em relação a como o autor vê a mulher amada.

Atividade 2

Resposta Pessoal

Leve sua resposta em uma folha e discuta com seus colegas e com seu professor na sala de aula. Perceba como as experiências são diferentes.



Atividade 3

Os textos *A Cartomante* e *O Pagador de Promessas* são escritos em prosa e contam uma história. Mas o primeiro apresenta um narrador, já o segundo está organizado em diálogos e não descrição das cenas, que serão encenadas. O texto 2, *Livros e Flores*, é escrito em verso e tem preocupação em passar as emoções e os sentimentos de um eu lírico, diferente dos dois anteriores.

Atividade 4

- a. Sim. A surpresa deve-se ao fato de que a promessa foi feita em um terreiro de Candomblé e não em uma Igreja Católica.
- b. Zé-do-Burro é um homem simples, humilde, da zona rural.
- c. O padre acreditava que a ferida relatada era do personagem, Zé-do-Burro, e não do animal.
- d. Resposta pessoal.
- e. A questão do preconceito religioso.

Atividade 5

Texto 1

1. Gênero Dramático.
2. Presença de rubricas (veja os trechos em itálico), estrutura de diálogo entre os personagens, não há narrador e descrição de ambiente.

Texto 2

1. Gênero Lírico.
2. Visão pessoal e subjetiva do fato – a aranha que salta; presença de sentimentos e emoções – sonhou, fria, alma; preocupação com a sonoridade do texto – rimas (saltou/sonhou; desfia/fria).

Atenção: Note que o poeta “capta” o salto da aranha, fato simples, corriqueiro e que, aparentemente, não chamaria a atenção de uma pessoa qualquer e o descreve numa visão pessoal, como se fosse um salto imaginário, como se refletisse sobre a situação da aranha em relação a sua própria existência. Dessa forma, o texto apresenta características do gênero lírico.

O que perguntam por aí?

ENEM 2010

Questão 118

Texto I

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

AMADO, J. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (fragmento).

Texto II

À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes. Curitiba os considera animais sagrados, provê as suas necessidades de cachaça e pirão. No trivial contentavam-se com as sobras do mercado.

TREVISAN, D. *35 noites de paixão: contos escolhidos*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 (fragmento).

Sob diferentes perspectivas, os fragmentos citados são exemplos de uma abordagem literária recorrente na literatura brasileira do século XX. Em ambos os textos,

- A a linguagem afetiva aproxima os narradores dos personagens marginalizados.
- B a ironia marca o distanciamento dos narradores em relação aos personagens.
- C o detalhamento do cotidiano dos personagens revela a sua origem social.
- D o espaço onde vivem os personagens é uma das marcas de sua exclusão.
- E a crítica à indiferença da sociedade pelos marginalizados é direta.

Resposta: Letra D

Comentário:

Jorge Amado foi um dos mais famosos escritores brasileiros. Suas obras foram traduzidas em 49 idiomas, para 55 países diferentes, além de muitas terem sido adaptadas para a televisão e para o cinema.

Questão 129

Negrinha

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.

[...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. Negrinha. In: MORICONE, I. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

A narrativa focaliza um momento histórico-social de valores contraditórios. Essa contradição infere-se, no contexto, pela

- Ⓐ falta de aproximação entre a menina e a senhora, preocupada com as amigas.
- Ⓑ receptividade da senhora para com os padres, mas deselegante para com as beatas.
- Ⓒ ironia do padre a respeito da senhora, que era perversa com as crianças.
- Ⓓ resistência da senhora em aceitar a liberdade dos negros, evidenciada no final do texto.
- Ⓔ rejeição aos criados por parte da senhora, que preferia tratá-los com castigos.

Resposta: Letra D

Comentário:

O conto “Negrinha” retrata um panorama social do Brasil patriarcal entre o fim do século XIX e o início do século XX. Os valores contraditórios referidos no enunciado encontram a sua ocorrência na alternativa D. Essa alternativa, ao afirmar a resistência da senhora diante da criada, manifesta o preconceito racial típico dos escravocratas e a postura “embranquecedora” das famílias tradicionais, que rejeitavam a liberdade dos escravos e, por consequência, qualquer equivalência social diminuir deles com os patrões.





Atividade extra

Os gêneros literários

Leia o texto para responder às questões 1 e 2.

Metade pássaro

A mulher do fim do mundo

Dá de comer às roseiras,

Dá de beber às estátuas,

Dá de sonhar aos poetas.

A mulher do fim do mundo

Chama a luz com um assobio.

Faz a virgem virar pedra,

Cura a tempestade,

Desvia o curso dos sonhos.

Escreve cartas ao rio,

Me puxa do sono eterno

Para os seus braços que cantam.

(Murilo Mendes)

Questão 1

Cite o movimento de vanguarda a que esse texto é associado.

Questão 2

No texto, o autor desestrutura o senso e instaura o contra-senso.

Teça um breve comentário que justifique essa afirmativa.

Leia o texto para responder às questões 3 e 4.

"Numa das voltas olhando para trás, viu a montanha curvada, com o sol lhe mordendo as ilhargas. Era Loge, deus do incêndio... As montanhas desembestavam assustadas, grinpando os itatins com gestos de socorro, contorcidas. Loge perseguia as medrosas, lambido de chamas, trinando. Fraulein escutou um xilofone, o tema conhecido. E o encantamento do fogo principiou para Brunilda."

Nesse trecho aparecem traços de estilo e composição muito característicos da corrente estética da modernidade que, reconhecidamente, mais influenciou na feitura de "Amar, verbo intransitivo".

Questão 3

Qual é essa corrente estética?

Questão 4

Identifique duas características dessa corrente presentes no texto, indicando exemplos.

Gabarito

Questão 1

Surrealismo.

Questão 2

A falta de lógica apresentada em cada verso, na relação dos verbos com os substantivos.

Exemplo: 2ºv, 3ºv, 6ºv, etc.

Questão 3

Expressionismo.

Questão 4

Descrição levando em conta associações subjetivas ("E o encantamento do fogo principiou para Brunilda").

Questão 5

Natureza em sofrimento ("o sol lhe mordendo as ilhargas").

